

HRAN exporta experiência a outros países

Ana Cristina Gonçalves



A promoção de ações básicas de saúde dentro da comunidade tem sido uma das principais características da Regional Norte, onde está inserido o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). Inicialmente o objetivo era educar a população, evitando que ela adoecesse e, consequentemente, superlotasse os centros e hospitais. No período de três anos após a criação dos programas, os resultados começam a aparecer e as ações do HRAN têm sido reconhecidas internacionalmente, devendo exportar experiência para outras partes do Brasil e do mundo.

Como os centros de saúde foram criados para ser a porta de entrada do sistema — os hospitais regionais têm a função de atender apenas a casos mais graves — a diretora do HRAN e da Regional Norte, Jacira Abrantes, resolveu

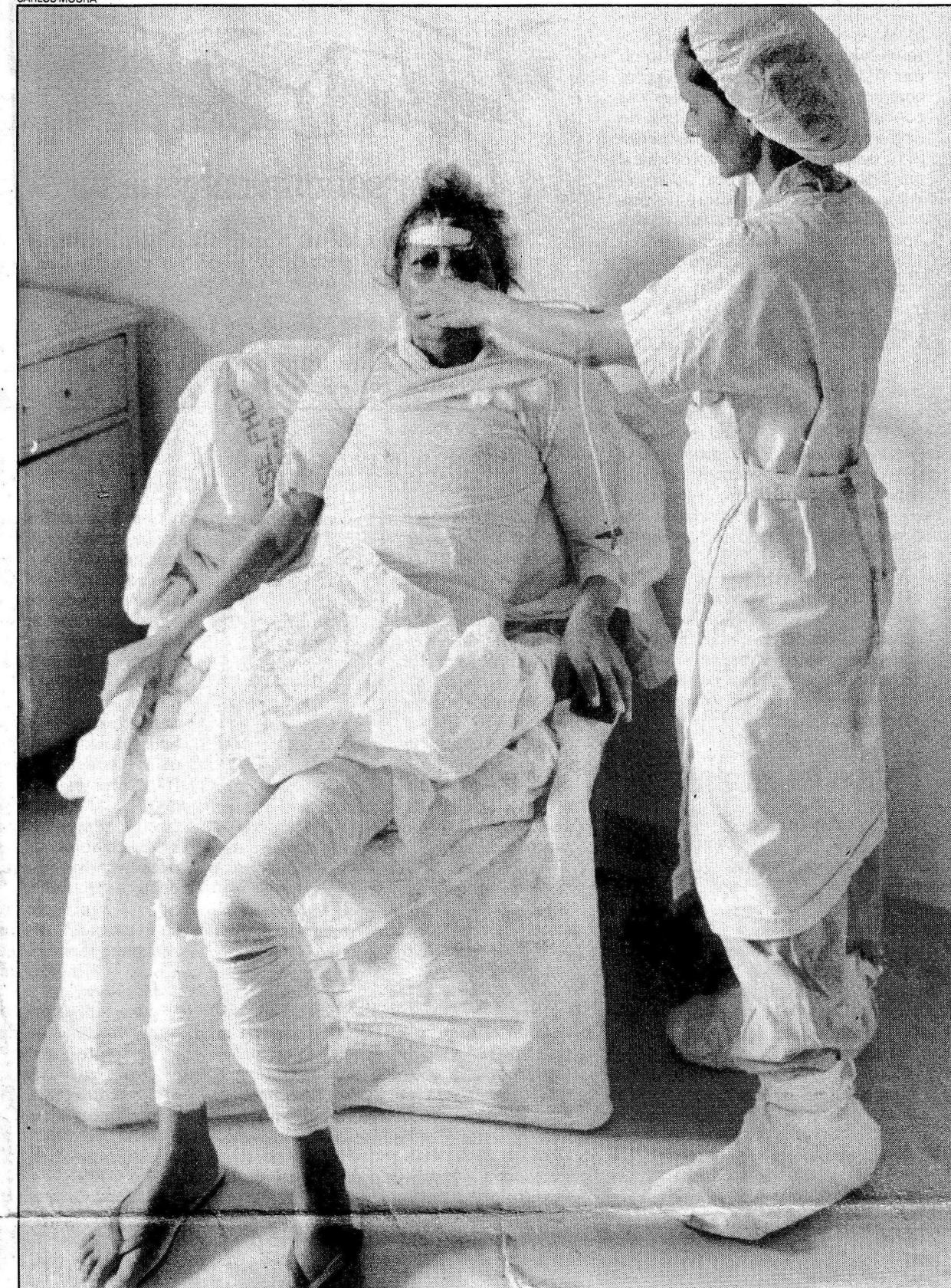
investir neles. Mas antes era necessário educar a população para utilizar melhor os centros de saúde. "Foi quando criamos uma equipe de triagem aqui no HRAN, que analisa o paciente do pronto-socorro, enviando os casos mais simples para o centro de referência", explicou.

Com isso, atualmente apenas dez por cento dos 300 atendimentos do pronto-socorro do HRAN são feitos a pacientes da Regional Norte. Os outros 90 por cento têm atendimento nos centros de saúde. "A grande parte das pessoas que procura nosso pronto-socorro vem de outras regionais ou de outras cidades brasileiras", informou Jacira Abrantes. Mesmo dentro do HRAN, a distribuição de pacientes entre a emergência e o ambulatório — também feita pela equipe de triagem — está perto do ideal. Enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza 80 por cento dos casos atendidos no ambulatório e 20 na emergência, o HRAN faz 70 por cento no primeiro e 30 no pronto-socorro.

Compromisso — Todas as ações básicas desenvolvidas na Regional Norte de Saúde, através de vários programas, são definidos pela diretora do HRAN como "um compromisso com a comunidade". Recentemente esse compromisso ganhou apoio e reconhecimento internacional. Através da Universidade de Brasília (UnB) os programas de saúde envolvendo a comunidade chegaram ao conhecimento da Fundação Kellogg (que financia projetos semelhantes e que serão exportados para outras regiões e países) que decidiu dar apoio.

"Além disso, a UnB deverá mudar o currículo de vários cursos, dentre eles Medicina, Sociologia e Educação Física, acrescentando as ações básicas do primeiro ao último ano", garantiu Jacira Abrantes. Serão investidos, ao longo de 45 meses, mais de um milhão de dólares pela Kellogg no programa "Saúde Brasília, União com a Comunidade", cujos recursos serão divididos entre a UnB, a Regional e a comunidade.

CARLOS MOURA



A distribuição de pacientes no HRAN entre ambulatório e emergência é feita por uma equipe de triagem